

SAINTE-BEUVE: UM MOMENTO DA CRÍTICA LITERÁRIA OU SAINTE-BEUVE DUZENTOS ANOS

Odalice de Castro Silva*

Sainte-Beuve s'attache aux individus: et par là il introduit d'abord une relativité plus grande dans la critique. Il cherche, dans l'oeuvre littéraire, l'expression, non plus d'une société, mais d'un temperament: tous ses jugements sur un livre sont des jugements sur un homme.
(Gustave Lanson – 1894)

Resumo

Este trabalho faz um esboço da importância de Saint-Beuve (1804-1869) para a crítica literária moderna, no ano em que os estudos literários destacam os duzentos anos do crítico que se mobilizou por uma escrita pessoal, subjetiva, na criação de imagens, retratos, paisagens e cenários de obras e autores que se projetavam na cena intelectual francesa entre os anos vinte e sessenta do século XIX, manifestando, em seu estilo, uma acentuada tendência crítica eclética ou cultural.

Palavra-chave: Crítica literária; retratos críticos, discurso literário

Abstract

This work makes an outline of the importance of Saint-Beuve (1804-1869) for modern literary criticism, in the year in which literary studies point out to the 200 hundred years of the french critic who has gained notability for his personal, subjective style of writing, in the creation of images, portraits, landscapes, and scenarios of literary works and authors that were projected on the french intellectual scene between the twenties and sixties of XIX century, manifesting in his style a remarkable eclectic critical or cultural tendency.

Key-words: Literary criticism; critical portraits, literary discourse.

1. OS PORTRAITS DE SAINTE-BEUVE:

Na inter-relação das idéias que configuram o século XIX, de movimentos na direção das ciências e das artes, vamos encontrar o registro da presença de Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), entre os que se destacaram na Crítica Literária dita romântica.

Sainte-Beuve, após estudos de medicina, através de resenhas para *Le Globe*, entra para o mundo da Literatura. Com 23 anos escreve uma resenha crítica sobre *Odes e Ballades*, de Victor Hugo, marcando o princípio de uma amizade polêmica, comprometida pela paixão de Sainte-Beuve por Adèle Hugo. Dois anos depois, em 1829, incursiona pela poesia com *Vie, poésie et pensées de Joseph Delorme* e *Les Consolations*, de natureza místico-lírica. Dá início, então, à série dos *Portraits*. Em 1834, publica *Volupté*, romance autobiográfico.

Deprimido, exila-se em Lausanne entre 1837 e 1838, onde começa a desenvolver *Port-Royal*¹ (7 volumes), motivo de sua obra mais importante, que dará a público de 1840 a 1859. Em 1843, após três anos de sua diplomação para a Academia Francesa, foi nomeado Conservador da Biblioteca Mazarine. Daí em diante, instala-se em Paris, concentrado nos *Portraits*, em 12 volumes.

A revolução de 1848 quebra a situação cômoda em que se instalara; e, após escândalo sobre questões de ordem financeira, transfere-se para Liège, onde ministrará cursos, para a Universidade, na qual permanece até 1848. Em

* Doutora em Letras pela UNESP-Assis-SP. Professora Adjunta do Departamento de Literatura; Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Especialização em Estudos Literários e Culturais da UFC.

¹ BRUNEL, P. (et al.) *A Crítica Literária*. Trad. Marina Appen Zeller. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p.43.

1849, volta à França para iniciar a série das *Causeries du lundi* (Conversas de segunda-feira) – 15 volumes, que serão decisivas para divulgação do “método de Sainte-Beuve”, desenvolvendo um discurso reacionário, na defesa de um racionalismo anticlerical e, sem desfrutar de liderança junto à juventude, foi, inclusive, impedido de dar aulas no Collège de France.

Os artigos inicialmente escritos para *Le Globe*, de 1827, reescritos, vão compor o *Tableau historique et critique de la poésie française et du théâtre français au XVIIIe siècle* (1828). Este estudo é considerado pelos estudiosos como portador de alguns equívocos na leitura dos poetas da Plêiade; ainda não estão esboçados os elementos que distinguirão seu discurso, ou seja, os de ordem biográfica, embora seja digno de nota “a consciência de uma relação viva de analogia com um período do passado literário”, e “após ter se aproximado do catolicismo, e depois do calvinismo, refugia-se no ceticismo”.²

A forma dos *Portraits* não foi aceita sem reservas. Alfred Michiels afirma: “Um sistema, uma idéia lhe interessam menos que uma anedota; fala muito do homem, muito pouco do autor, quase nada de suas doutrinas...”. Já Basbey d’ Aurevilly dirá: “É o camaleão das obras que estuda e escruta, mas apenas isso.”³

A percepção que Sainte-Beuve tinha do exercício da crítica era a de uma imagem líquida, para a paisagem da leitura:

Por sua natureza, o espírito crítico é fácil, insinuante, móvel e compreensivo. É um grande e límpido rio que serpenteia ao redor dos rochedos, das fortalezas, dos outeiros cobertos de vinhedos e dos vales frondosos às suas margens. Enquanto cada um desses objetos da paisagem permanece fixo em seu lugar e pouco se preocupa com os outros, enquanto a torre feudal desdenha o vale e o vale ignora o outeiro, o rio vai de um a outro, banha-os sem parti-los, abraça-os com uma água viva e corrente, “compreende-os”, reflete-os; e, quando um viajante quer conhecer e visitar esses vários sítios, ele o conduz em um barco; leva-os com cuidado e mostra-lhe sucessivamente todo o espetáculo cambiante de seu corpo”.⁴

A metáfora romantizada do rio serve de figuração para desenhar os contornos de uma tendência crítica anunciada como uma figura ao mesmo tempo inquieta e acolhedora, como um guia, abrindo o caminho aos iniciantes, como um barqueiro que conduz os viajantes na travessia tormentosa ou pacífica.

A esta época, estava, a crítica literária, muito distante de ser considerada, não como leitura do mundo, mas como leitura de discursos sobre o mundo; isto é, sobre a percep-

ção que o homem revela do mundo, através das falas e gestos, verbais ou não.

Mas, embora ainda tivéssemos de esperar quase cento e cinquenta anos pelo conceito sintético e famoso de Roland Barthes, a relação da natureza com a linguagem, para a crítica romântica, destaca-se como um momento importante e necessário, envolvido pelas idéias, projetos e hipóteses que marcaram a segunda metade do século XIX, sobretudo na França. Foram tantos os movimentos do espírito criador na direção das artes e das ciências, que o distanciamento que tomamos em relação aos acontecimentos daquela época nos proporciona certa inquietação para compreender a convivência, a conjunção de tantas atitudes àquele momento incompreensíveis, hoje revolucionárias, que alterariam o cenário intelectual e desencadeariam reações para o que hoje denominamos as vanguardas artísticas da passagem para o século XX, motivadas pelo espírito de transformação que contagiou quase todos, em sua avassaladora dimensão de modernidade.

Entre 1840 e 1859, Sainte-Beuve escreve *Port-Royal*, obra representativa do método histórico, tendo como motivo um movimento de pensamento (o jansenismo) e as repercussões sobre a vida literária e cultural do século XVII, sobretudo.

Trata-se da biografia do monastério de Port-Royal, em que se destacam Corneille, Pascal, Racine, uma obra histórica e, em alguns momentos, teológica. Depois das quase três mil páginas, seu autor confirma-se cético, após haver “estudado” as vidas de pessoas tão importantes para a cultura francesa:

Jovem, inquieto, doente, apaixonado e curioso das flores mais escondidas, eu queria, originalmente, recolher a poesia íntima e profunda que delas exalava, penetrando os mistérios dessas almas piedosas, dessas existências interiores (...) Não adiantou nada, não deixei de ser e sou um investigador, um observador sincero, atento e escrupuloso. E, mesmo à medida que avancei, o encanto tendo desaparecido, não quis mais ser outra coisa.”⁵

Sainte-Beuve, em linguagem de hoje, o que ele experimenta em relação às vidas que vai desvendando é uma espécie de “vampirismo literário”, ao afirmar que tentou, em sua crítica, adaptar sua alma à alma dos outros, saindo de si, para alcançá-las, abarcá-las. Não deixa de ser uma realização através das vidas lidas e interpretadas. Os retratos de 1830 são o resultado de um intenso projeto e processo de reinvenção de si mesmo. Constantemente re-criado pelos retratos dos outros, haveria algo mais atual, do que hoje chamamos de verdadeira outridade, como meio para o auto-reconhecimento e identificação?

² Idem. Ibidem. p.43

³ Id. lb. p.43

⁴ Id. lb. p.43

⁵ Id. ib., p.44.

A afirmação explícita da profissão do crítico está expressa como uma “imagem perpétua” com todos os tipos de pessoas e para todos os tipos de países, por curiosidade.

De perscrutador da vida alheia à tentativa de fazer dos outros a sua Segunda vida ou Segunda alma, Sainte-Beuve define-se como “um homem que sabe ler e que ensina os outros a lerem”. Para organizar-se metodicamente para tal empreitada, imagina uma “história natural”, a que ficaria conhecida como “uma botância moral”. A base deste método científico seriam “as famílias espirituais”, como uma tentativa de classificação trans-histórica, a partir de caracteres dominantes, do tipo das taxionomias botânica ou zoológica.

O projeto crítico de Sainte-Beuve partiria de um ensaio, *De la méthode en Critique*, anunciado em nota de 1847, em que explicaria e aplicaria, a partir da teoria natural dos grupos, os autores e as obras literárias, uma espécie de sistematização de comportamentos com caráter científico, influenciado, sem dúvida, por Taine. Mas, Sainte-Beuve resiste ao simplismo da teoria da causalidade que refuta: “Não, o poeta não é uma coisa tão simples, não é uma resultante, nem mesmo um simples centro refletor: um espelho próprio, sua “mônada” individual única”.

Essa recusa altera as pretensões anteriores, o que vai proporcionar uma mudança no estilo das *Conversas de segunda-feira*. O esquema biográfico conclusivo é abandonado em proveito da adoção de normas ético-literárias, estilo direto e objetivo, são os traços que vão caracterizar as *Causeries*, inaugurando uma nova forma de fazer crítica literária.

Após sua morte, em 1869, a repercussão desfavorável de sua linguagem e de seu estilo nos *Portraits*, sobretudo, incentivaram os julgamentos divididos entre condenar sua moralidade e seu despreparo literário.

Lançam-se condenações ao método de Sainte-Beuve, principalmente o temor em criticar os escritores vivos e, quando o fazia ou o evitava, davam-no por medíocre e por hostil aos contemporâneos.

É preciso analisar com cuidado o que Sainte-Beuve efetivamente realizou, os projetos que traçou consoante os movimentos de época, as leituras posteriores, à vontade, diante das disponibilidades do que acontecera bem mais distante no tempo e o olhar de pelo menos 70 anos depois.

Talvez isto tenha acontecido com alguns que condenaram o que caracterizou a contribuição crítica de Sainte-Beuve:

- a) indefinição quanto ao valor do objeto analisado, eximindo-se, muitas vezes, de julgamentos peemptórios;
- b) cultivo de vários gêneros dentro do ensaio, ou seja, os de natureza poética, social, cultural, biográfica, moral, crítica;

- c) ausência de um esquema teórico rigoroso e de uma estrutura lógica para nortear ou conduzir o processo de apreciação do objeto; e, ao mesmo tempo,
- d) falta de pré-conceito no tratamento da vida de uma alta autoridade ou de alguém de reconhecido saber.

As aparentes contradições e inconsistências proporcionam a diferença de uma prática de discurso que passou a se negar como radical e definitivo, em nome do que pertence à natureza própria da arte literária: “Conhecer os homens não é suficiente quando se trata de obras; e, ao mesmo tempo que nos esforçamos para caracterizar as produções do espírito como a expressão de um tempo e de uma ordem da sociedade, não poderíamos negligenciar captar o que não pertence à vida passageira, o que está ligado à chama imortal e sagrada, ao próprio gênio das Letras”.⁶

Para destacarmos esta outra revelação, a vida própria da obra literária, precisamos atentar para o cuidado com uma análise estilística minuciosa, uso da intuição, da imaginação e da poesia, resistente ao exagero e ao bizarro, busca do detalhe importante, o que descaracteriza qualquer historicismo radical em Sainte-Beuve, em nome da cor e do gosto de um momento da vida, fazendo associações, comparações, sem explicações forçadas.

Pela confluência, na apreciação crítica, da intuição, do valor das impressões, mas também da análise minuciosa, pela leveza mais de crônica do que de julgamento crítico, o método de Sainte-Beuve, enquanto nega-se a admitir o superficial e o fácil, não estaria na base do encontro de tendências críticas que se transformaram em referências de leitura, sem tirar os movimentos do objeto de estudo? A crítica cultural deve reconhecer-se em muitos dos traços já rejeitados por sistematizações recentes.

Para Gustave Lanson, “Sainte-Beuve não pode ser visto como um “cupim”, instalado na literatura, roendo-a sem nada ver, ouvir ou desconfiar da vasta humanidade que vive, trabalha e sofre ao seu redor. Ninguém teve tanta curiosidade, nem tão profunda inteligência de todas as inquietações humanas.”⁷

Jean-Pierre Richard, em 1966, lembrava, sobre Sainte-Beuve, sua importância como um dos grandes ancestrais do discurso crítico, por haver feito incursões tanto no romance quanto na poesia; tendo sido historiador da literatura, ao buscar, tanto nas biografias de *Port-Royal*, quanto nos *Nouveaux Lundis* (1840-1859), os gênios e o lugar que cada um ocupou na cultura e na arte. Por suas palavras, Sainte-Beuve reconceituou, na segunda etapa de suas atividades, o exercício da crítica:

⁶ Id. lb. p. 47.

⁷ Id. lb. p. 47.

*A verdadeira crítica, tal como a defino, consiste mais do que nunca em estudar cada ser, cada talento, segundo as condições de sua natureza, fazendo dela uma viva e fiel descrição, mas classificando-a em seguida para poder colocá-la no lugar apropriado na ordem da arte.*⁸

A ordem da arte entrevista por Sainte-Beuve, talvez, em relação aos seus contemporâneos, como Balzac, Stendhal, Nerval, Baudelaire, tenha se constituído como um obstáculo, justamente em relação àqueles que transformariam, na leitura dos pôsteros, o cânon até ali intocável.

Embora atento às constantes estilísticas presentes no estilo/escritura de Mme. de Staël, Senancour, Nodier, por exemplo, citadas em estudo de Baudelaire sobre Théodore de Banville (1861), Sainte-Beuve é, hoje, reconhecido pelo alcance de sua visão crítica, não só pelo acima referido, o método temático, do qual foi precursor, mas pelo mérito de um olhar mais leve sobre a teoria metodológica. Cobra-se a falta de observação justa em relação aos seus contemporâneos que efetivamente alteraram a ordem da arte, o cânon.

Quem pode, entretanto, negar o mérito do olhar interdisciplinar de Sainte-Beuve, (todas as aquisições da história), a impossibilidade de insulamento da crítica literária, a expansão da crítica como gênero híbrido, como foro literário? Como fruto de tais conquistas, André Gide, em 1909 funda a *Nouvelle Revue Française – Littérature et Critique*.

2. SAINTE-BEUVE E O CÂNON

Um dos principais guias de leitura de Sainte-Beuve é o conjunto de ensaios de Proust intitulado *Contre Sainte-Beuve*, escrito entre 1908 e 1910, fragmentos que são embriões de temas desenvolvidos ao longo de *Em Busca do Tempo Perdido*. Conhecido pela oposição frontal que faz a seu antecessor, o livro de Proust, no entanto, define-se como uma necessária oportunidade e local de escrita favorável, de reflexão a propósito da vocação do autor como escritor e crítico.

Proust confrontava suas idéias às de Sainte-Beuve, mas, igualmente às de Taine, que concordara com o autor dos *Portraits*, por seus traços de cientificidade metodológica.

O que Proust propunha era uma outra visão de arte e de crítica. A revolução da linguagem crítica aconteceu com o discernimento entre o **eu** do discurso literário e o **eu** biografado, o cidadão-autor; ao primeiro Proust chamava de “eu profundo”. Recusava, a partir desta distinção, as explicações deterministas para o fato literário e concentrava-se numa visão presente da arte, a partir de uma concepção de profundidade e singularidade da leitura.

Reconhecia-se nestas reivindicações, o protesto de Flaubert em carta a George Sand, de 2 de fevereiro de 1869: “Quem conhece uma crítica que se preocupe com a obra em si e com todo o cuidado? Analisa-se detalhadamente o meio em que a obra foi produzida, as causas que a ensejaram; mas, e a poética **insciente**? De onde vem? E sua composição, seu estilo? E o ponto de vista do autor? Jamais!”⁹

A nova crítica adotaria, portanto, o ponto de vista da subjetividade do autor, na qual estaria a revelação do “eu profundo”: “A descoberta proustiana (corroborada por Remy de Gourmont, trinta anos depois), análoga à de Freud, transformou o olhar crítico, visto que a obra deixou de ser apenas um objeto estético, tornando-se também uma criação de que o leitor é igualmente agente”.¹⁰

Tendo por objetivo evidenciar o modo de criação pela linguagem poética, Proust empreende uma revisão de leituras que Sainte-Beuve havia iniciado a seu modo. A linguagem, compreendida em sua formulação metafórica, permite que o leitor “desvende” o universo simbólico e mitológico da obra, através dos recursos discursivos, de técnicas que ofuscam a questão dos recursos deliberados aprioristicamente, como postulavam os defensores do determinismo.

Categorias de percepção e do pensamento são deslocadas, a partir da visão de mundo do autor, como diferença de qualidade observada no seu estilo.

É interessante relacionar estas conquistas como simultâneas ao início da escrita da *Recherche*, ou seja, uma leitura (compreensão do objeto estético) que abarca, ao mesmo tempo, a composição geral da obra e o estilo (aqui entendido como elaboração dos recursos lingüísticos), o que destacou as pesquisas dos formalistas russos, nas primeiras décadas do século XX.

Colocando em discussão a pluralidade e o infinito do sujeito desde 1914, quando começa a publicação de *Em busca do tempo perdido*, na *Nouvelle Revue Française*, aos poucos, Proust abriu caminho para a crítica de “identificação”, núcleo desta visão da crítica, a partir dos conflitos deflagrados no seio da linguagem, enquanto a publicação de *Contre Sainte-Beuve* dar-se-ia apenas em 1954.

No número de 15 de junho de 1905, no artigo *Sur la Lecture*, Proust escreve: “Sainte-Beuve desprezou todos os grandes escritores de seu tempo (...) Depois de ter rebaixado de forma incrível o romancista Stendhal, celebra, como meio de compensação, a modéstia dele, o procedimento educado do homem, como se não tivesse outra coisa favorável para dizer! Esta cegueira de Sainte-Beuve, no que concerne à época, contrasta singularmente com suas pretensões de clareza, de presciência”.¹¹

O projeto Sainte-Beuve persegue Proust e, enquanto isto, enquanto as idéias vão frutificando, pois já escrevera

⁸ ROGER, Jérôme. *A Crítica Literária*. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2002, p.49.

⁹ Id. lb. p.56-57.

¹⁰ Id. lb. p.57.

¹¹ PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve. Notas sobre crítica e Literatura*. Trad. Haroldo Ramanzini. São Paulo: Iluminuras: 1988, p. 25.

Jean Santeuil, trabalhava os “pastiches” e os cadernos, em número de sessenta e dois, que contêm esboços do que se tornará a *Recherche*. De uma proposta crítico-romanesca surgirão, como resultado, a grande obra, conhecida como *Em Busca do Tempo Perdido*, cujo último volume é uma reflexão sobre filosofia da arte e as notas e fragmentos de leitura do que hoje os leitores conhecem como *Contre Sainte-Beuve*. Uma idéia obsessiva: contrapor pontos de vista acerca de escritores que produziam naquele momento e que sofriram os embates da publicação, da circulação de seus livros, que enfrentavam a concorrência de outros autores na preferência dos leitores e viviam os conflitos com a tradição, a luta para entrar para a lista dos escritores representativos da Literatura Francesa.

“O Método de Sainte-Beuve” de Proust que sucede às tentativas de diálogos “simulados” (?) com sua mãe a propósito da crítica de Sainte-Beuve, chamando a atenção do leitor mais para um tom de provocação, para colocar uma certa dúvida em relação aos comentários do autor dos *Portraits* sobre os romances de Stendhal, traz afirmações muito enérgicas, como: “Não há nada mais tocante que essa pobreza de meios no grande prestigioso crítico, rompendo com as elegâncias, as astúcias, as farsas, os enternecimentos, as diligências, os afagos de estilo. Mais nada”.¹²

A respeito do autor de *Sylvie*, Gerard de Nerval, Proust o defende com vigor da pretensa leitura de Sainte-Beuve: “quase preferiria para ela o esquecimento em que a deixou Sainte-Beuve, de onde pelo menos poderia sair intacta, na sua miraculosa frescura”.¹³

Proust examina o texto de Nerval buscando nele o “eu profundo”, associando-o à loucura, ao desvario, à infelicidade do autor seu fim trágico e afirma que o púrpura era a cor de Sylvie, como uma figuração interna do autor.

O caso de Baudelaire é um dos mais graves. Desde a abertura do fragmento, Proust acusa Sainte-Beuve de haver ignorado, até desdenhado o autor de *Les Fleurs du Mal*: “endereço-lhe afetuosas cartas, nunca, porém, respondeu às reiteradas súplicas de Baudelaire para que fizesse um único artigo sobre ele. O maior poeta do século XIX, e que era amigo dele, não figura nas *Lundis*, enquanto que os condes Daru, d’Alton Shée e outros ali têm seus lugares assegurados (...) Certa ocasião, num momento do processo contra Baudelaire, este implora uma carta a Sainte-Beuve para defendê-lo”.¹⁴

Segundo Proust, Sainte Beuve redige (anonimamente) um plano de defesa para ser usado pelo advogado, mas sem revelar a autoria, hesitando entre elogios à pessoa e

veladas alusões à obra. As considerações de Proust chegam ao auge da indignação e pronuncia uma palavra de desabafo: “Com relação a Sainte-Beuve quantas vezes somos tentados a gritar: Que velho asno ou que velho canalha”.¹⁵ Depois de negar-se a testemunhar a favor de Baudelaire, Sainte-Beuve escreveu: “O que é correto é que Baudelaire ganha em ser notado, pois lá onde se esperava ver entrar um homem *polido, respeitoso, exemplar*, um RAPAZ AMÁVEL, fino na linguagem e totalmente clássico nas formas”.¹⁶ Nada indignava tanto a Proust, da parte de Sainte-Beuve, do que as soluções, como esta, para eximir-se de tomar partido, tanto em virtude da grande admiração que Baudelaire nutria por Sainte-Beuve, como pela oportunidade evitada, de interferir a favor do poeta para as eleições à Academia.

Proust afirma, ainda, no mesmo fragmento, que Baudelaire enfureceu-se com aqueles que reclamavam da indiferença de Sainte-Beuve.

Balzac foi outro escritor, da mesma época de Sainte-Beuve a não receber atenção merecida: “Um dos contemporâneos que ele menos prezou foi Balzac”.¹⁷ Proust analisa a relação entre o discurso de Balzac, tanto dos romances, como em outros gêneros, como as cartas e sua vida pessoal, para constatar uma certa coerência e o autor conta com a indulgente compreensão de seus leitores: “Já em Balzac, por conhecermos todas as suas vulgaridades, no início elas nos desagradam; depois começamos a amá-lo, a sorrir para todas aquelas ingenuidades que ali caem tão bem; nós o amamos com um pouquinho de ironia que se mistura com a ternura; conhecemos seus defeitos, suas mesquinhas, e as amamos porque elas o caracterizam de forma acentuada”.¹⁸

Proust estabelece entre Balzac e Flaubert uma diferença de estilo que Sainte-Beuve não teria alcançado; no primeiro, os encadeamentos (hoje, diríamos intra e intertextualidade na construção da trama, mantendo os mesmos personagens, organizando os enredos em ciclos, constituindo um sistema articulado de temas, numa irradiação que conduz o leitor a profundidades inesperadas); no segundo, “todas as partes da realidade são convertidas numa mesma substância, nas vastas superfícies de um brilho monótono”.¹⁹

O leitor percebe a ordenação triangular da crítica proustiana. A base (Sainte-Beuve) sustenta os lados, são os escritores, em geral, em contraste, e a síntese, o como não fazer, o como não ser, o que seria conveniente, o que seria satisfatório, Proust o faria, ou pelo menos aponta a revelação de uma idealidade, uma vez que analisa os contrastes

¹² Id. lb. p.62.

¹³ Id. lb. p.63.

¹⁴ Id. lb. p.73.

¹⁵ Id. lb. p.75.

¹⁶ Id. lb. p.76.

¹⁷ Id. lb. p.97.

¹⁸ Id. lb. p.106.

¹⁹ Id. lb. p.103.

como quem, pela leitura, associa, compara, separa as diferenças, avalia as semelhanças, e destaca “o tom da canção” que em cada um é diferente (...) e, ao ler, sem me dar conta, eu cantarolava, pressionava as palavras ou afrouxava-as ou as interrompia por completo, como se faz quando se canta e muitas vezes se espera por longo tempo, segundo a medida do tom, antes de dizer o fim de uma palavra”.²⁰

Em “Notas sobre a Literatura e a Crítica”, que abordam os problemas gerais que interligam os fragmentos de *Contre Sainte-Beuve*, as idéias obsessivas de Proust que motivaram a escrita da *Recherche*, a partir da obstinada decisão de contrapor-se ao autor de *Port-Royal*, encontramos uma anotação sugestiva de aproximação dos dois escritores: “É tão pessoal, tão único, o princípio que age em nós quando escrevemos, e que cria gradativamente nossa obra, que na mesma geração, os espíritos da mesma espécie, da mesma família, da mesma cultura, da mesma inspiração, do mesmo meio, da mesma condição, tomam a pena para escrever quase que da mesma maneira a mesma coisa e cada um acrescenta o floreio particular que só a ele pertence, e que faz da mesma coisa uma coisa totalmente nova, onde todas as proporções das qualidades dos outros são deslocadas”.²¹

Deste modo, constatamos que Proust e Sainte-Beuve tiveram percepções semelhantes a respeito das famílias espirituais, tese básica do segundo. E, no que diz respeito às questões de revisão do cânone, antecipam-se, com ambos os escritores, muitas questões que atravessaram o século XX e que hoje, século XXI, alimentam e fecundam o debate crítico, como a crítica cultural, o desaparecimento da literatura em sua especificidade discursiva, deslocada pelo cruzamento de signos e saberes. O cenário começa, a partir destas propostas, a ficar um pouco parecido com este que vivemos hoje, no qual, críticos que hibridizaram os temas defendidos por alguns como pertencentes à história literária (Estudos Culturais) são acusados pelos que defendem a exclusividade, como defensora do objeto literário em sua conformação convencional.

Para concluir esta leitura cruzada, e, partindo do princípio de que os dois escritores foram, antes de qualquer coisa, leitores, observemos posturas e comportamentos de leitura gravados, seja pela fotografia que ensaiava os primeiros passos, seja pelos pincéis e tintas dos pintores; são situações de leitura que funcionam como indícios, fontes importantes para resgatamos o tom, a intensidade, a relação de leitura que caracterizou o momento em que Sainte-Beuve “pintava” suas figuras. Proust pastichava e misturava estilos, ambos procuraram o caminho que os levasse ao coração da arte e de seus leitores.

3. OS RETRATOS DE LEITURA: AS POSES

Nesta etapa, interessam-nos algumas imagens de leitura, a fim de confrontarmos as poses de quem lê, deixando-se fotografar, pintar, enfim, retratar, como forma de apreendermos um pouco da formação artificial dos arranjos na construção das cenas de leitura.

A leitura era um prazer solitário, às vezes compartilhado: a leitura de figuras, por crianças, embevecidas diante de narrativas através de quadros, aquarelas, cenas que contavam histórias. As narrativas prendiam-lhes a atenção e elas se deixavam, absortas, envolver pela sedução da história, que ia sendo montada, composta, construída. E o tempo era contado com uma lentidão que permitia deter-se, voltar as páginas, fixar os quadros, as frases, até que a imagem ficava gravada, e o estilo, o jeito de contar se fazia uma melodia, uma canção, com ritmo próprio; era o leitor descobrindo o tom, a voz, o estilo do autor.

Assinam-se coleções, emprestam-se nos gabinetes, compram-se; os livros são “tesouros secretos” que guardam não apenas o mistério de tramas ansiosamente acompanhados, mas o que se disse daquela cena mais ousada, daquela palavra mais direta, daquele jeito de dizer as coisas que chocou alguém. A arte e a crítica.

A leitura alimenta o imaginário. As pessoas se transportam e se identificam, para aqueles lugares em que tudo, os sonhos, os impossíveis podem acontecer, e as identificações fazem de pequenos e insignificantes leitores, de condições financeiras difíceis, arrojados líderes que decidem, opinam, mandam, ordenam.

Livros clássicos, obras científicas, literatura romanesca conviviam com o que Proust e Sainte-Beuve escreviam, pois os gabinetes de leitura já se desenvolviam, na França do século XIX (segunda metade) em rede bastante considerável. Livrarias, bibliotecas, até nas estações de trem, os livros são lidos, os almanaques chegam às províncias.

A leitura em voz alta, para toda a família (e lembramos da proposta de Proust de escrever as conversas com sua mãe sobre o método crítico de Sainte-Beuve) permanece, embora decline, aos poucos, em favor da leitura em voz baixa, nos salões, no quarto, no banco de jardim ou em plena natureza.

Os quadros de leitura, não raro, apresentam cenas em que mocinhas, lânguidas e vestindo roupas esvoaçantes, aventais de bordado inglês, sonham através das descrições e relatos; noutras, a leitura de edificação é entendida como uma caridade, uma concessão para os que não sabem ler.

Circulam *Lucien Leuwen*, de Stendhal, *Madame Bovary*, de Flaubert, mas, ao mesmo tempo, multiplicam-se as edições de Perrault, da condessa de Seguir, as obras de

²¹ Id. lb. p.142.

²⁰ Id. lb. p.139.

direito, de medicina e os clássicos convivem com os autores novos, os contemporâneos, pouco compreendidos, em geral recusados. Os cadernos de poemas copiados, os diários de autores anônimos, que não contam, convivem com os romances, que a cada dia caem nas graças das leitoras e leitores. O romance de folhetim é responsável pelo enriquecimento do imaginário e, durante todo o século, continuará crescendo e se multiplicando, à medida que se diversifica a temática, cada vez mais próxima das contingências da vida.

A leitura proporciona o recolhimento criativo; compartilhada, ela alegra os corações pela socialização que proporciona. As descobertas são divididas, as revelações são compartilhadas; percebem-se aflições em comum. O outro é o eu que ele também é, por meio de quem eu sou.

Duzentos anos de Charles Augustin Sainte-Beuve. O que isto significa para a história da cultura ocidental, uma vez que, traduzido, citado, copiado, lido, relido, reescrito, admirado, criticado, Sainte-Beuve deixou, há muito, os limites da França e entrou para a eternidade (de quanto tempo?) dos historiadores, dos críticos, dos leitores, dos curiosos que se debruçam sobre assuntos tão (aparentemente) distantes de nossos interesses e de nossa realidade, enfim, até de nossa condição de eternos desejosos de tocar, de encontrar e de ler tais livros?

Onde encontrá-lo? Sainte-Beuve só é encontrado em raras bibliotecas. Quem pode comprá-lo? As seções de obras raras, como alcançá-las?

Rotulado de cegueira do valor dos contemporâneos, pré-julgado por quem nunca o leu; lido pelas generalizações de manuais, que escondem os vários lados de sua atuação, de seu possível e entrevisto caráter, vislumbrado nas conversas e retratos que construiu e pintou, como capturá-lo?

Quem o leu como Proust o fez, necessariamente, apon-ta os méritos e alguns equívocos e fraquezas. No Brasil, teve admiradores que o liam e que desenvolveram um méto-

do de leitura do texto literário e da cultura, a partir da intuição, da admiração, da identificação, para, então, iniciar-se o trabalho propriamente dito de observação, análise criteriosa dos recursos técnicos para a composição do estilo, no qual o autor seria dividido em dois. Hoje, em três, em três mil. Quantas identidades tem um autor? O método de Sainte-Beuve influenciou leitores na França daquele tempo e hoje, quem o lê, encontra o saboroso tom que atualiza as conversas de quem aprendeu a ler e gosta de ensinar a outros a ler. Os retratos estão fora de moda, os grandes painéis interdisciplinares estão fora de moda? Passou o tempo das hesitações, dos equívocos? E as fraquezas humanas estão solucionadas? Não condenemos Sainte-Beuve. Indiretamente ele provocou importantes polêmicas que justificam esta pesquisa que comecei com uma comunicação que fiz para a Jornada de Estudos Franceses, em outubro de 1995, na Universidade Estadual de Maringá, Paraná, quando discuti a influência de Sainte-Beuve sobre a geração de 1870 no Brasil. Foi então que comecei a conhecer Sainte-Beuve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNEL, Pierre. (et. Al.) *A Crítica Literária*. Trad. Marina Appen Zeller. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CORBIN, Alain. "O segredo do indivíduo". In: PERROT, Michelle (et al.) *História da Vida Privada*, 4. Trad. Denise Bottman (et al.) São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LANSON, Gustave. *Histoire de la Littérature Française*. Paris: Hachette, 1950.

PLINVAL, Georges de. *História da Literatura Francesa*. Trad. de Ilidia Ribeiro Pinto Portela. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

ROGER, Jérôme. *A Crítica Literária*. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2002.